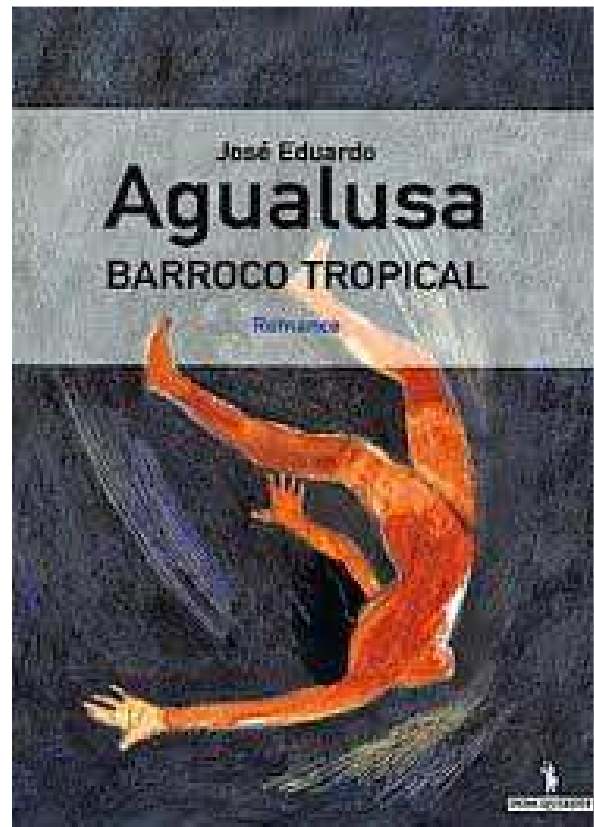


Memória Traumática de Angola: Uma análise dos livros de José Eduardo Agualusa:  
*O Vendedor de Passados e Barroco Tropical*



BA Eindwerkstuk

Portugese Taal en Cultuur

Universiteit Utrecht

Student: Priscilla Versteegh

Nr.: 3375625

Begeleider: Prof. Dr. Paulo de Medeiros

Tweede lezer: Dr. Paula Jordão

Datum: 25-07-2012

# **1 Palavras de agradecimentos**

Queria agradecer as seguintes pessoas que me ajudaram a fazer esta dissertação.

- A minha mãe, Gilda Versteegh-Sança, que me ajudou com muito amor e paciência e me inspirou com as suas ideias.
- Meu professor e orientador, Paulo de Medeiros, que me ajudou na escolha do tema e no melhoramento da minha dissertação.

## 2 Índice

1	Palavras de agradecimentos .....	2
2	Índice .....	3
3	Introdução.....	4
4	José Eduardo Agualusa um autor multicultural.....	5
5	“Memory Studies” (Estudos sobre Memória) .....	7
6	Trauma e Literatura .....	10
7	Colonialismo, Independência e a Guerra Civil em Angola.....	13
7.1	Colonialismo .....	13
7.2	Movimento de Independência.....	14
7.3	A Guerra Civil .....	15
7.4	Angola depois da Guerra Civil .....	16
8	A Memória Traumática de Angola segundo o livro, <i>O Vendedor de Passados</i> .....	17
9	Violência, segundo o livro <i>Barroco Tropical</i> .....	24
10	Conclusão.....	30
11	Bibliografia .....	31

### 3 Introdução

A sociedade Angolana é muito complexa, sofreu muitas transformações provocadas por varias influências de fora e para a compreender é necessário fazer um estudo bastante profundo sobre essa complexidade. Tem um passado muito turbulento e cheio de violência, como por exemplo os efeitos do colonialismo e da guerra civil que durou muitos anos e provocou muitas mortes. Foram terríveis acontecimentos, difíceis de explicar ou imaginar, que o escritor José Eduardo Agualusa tenta interpretar, através das suas obras.

O colonialismo, no seu modo geral, foi um dos temas principais que ele descreveu nas suas obras. Também mencionou o trauma do passado, que hoje Angola ainda vive, por causa da guerra colonial e da guerra civil. No seu livro *O Vendedor de Passados* os personagens apresentam essa trauma que ainda hoje está presente na sociedade angolana.

Tentar mudar o passado é impossível porque os efeitos do trauma estão sempre presentes na vida dos angolanos, e este trauma merece ser estudado e analisado através de “Memory Studies”, de que faz parte a “Trauma Theory”.

“Trauma Theory” está ligada à psicologia e psiquiatria, e deu origem ao aparecimento da teoria de “Post Traumatic Stress Disorder” (PTSD), ou seja, Transtorno por stresse pós- traumático (TEPT), que tenta explicar na prática os efeitos de trauma,

No livro *Barroco Tropical* Agualusa descreve o trauma na sociedade moderna de Angola, diferente do trauma descrito no livro *O Vendedor de Passados*, ou seja, não se pode comparar os acontecimentos na sociedade moderna com os acontecimentos do passado traumático de Angola.

Podemos assim analisar como o passado formou a situação política em Angola, e o processo de assimilação da cultura colonial que ainda hoje tem influência na identidade do povo angolano.

Começo por explicar o desenvolvimento de “Memory Studies” de que a “Trauma Theory” também faz parte, depois a história de Angola a partir da

época colonial até ao presente. Faço depois uma análise das histórias contadas nos livros de Agualusa, *O Vendedor de Passados* e *Barroco Tropical*, e da “Trauma Theory”.

#### **4 José Eduardo Agualusa um autor multicultural**

Nasceu em Huambo, Angola, em 1960. Ele não viveu muito tempo só num lugar. Depois da independência de Angola, em 1975, foi para Lisboa, Portugal, estudar Silvicultura e Agronomia. Primeiro, escreveu artigos que foram publicados em jornais e revistas, mais tarde romances. Os seus livros estão traduzidos em mais de vinte idiomas. O seu primeiro livro, *A Conjura*, foi publicado em 1989. Este livro foi um grande sucesso, e por isso Agualusa ganhou o Premio Sonangol de Literatura. Também escreveu várias peças de teatro (Beebee 191).

Depois de alguns anos em Portugal, o escritor foi morar em 1995 para o Rio de Janeiro e Recife, Brasil, onde ele também publicou várias obras. O facto de ter vivido muito tempo fora de Angola, faz com que seja visto como um Brasileiro em Angola e como um Angolano no Brasil, conforme disse mesmo numa entrevista : “(… ) Agualusa confessou que, em Angola, é considerado em escritor brasileiro, contudo, no Brasil, é visto como um escritor angolano” (Melo, *A ambiguidade do discurso colonial* 112). Ele vive neste momento em Angola e é membro já há alguns anos, da União de Escritores Angolanos. Nos seus livros ele deixa um sentimento de marginalização através das seus personagens. Isto é devido à sua vida longa fora de Angola, à sua côr branca e à sua politica de oposição (Brookshaw, *Migration and memory* 12).

A vida do escritor passou-se em três países (Angola, Portugal e Brasil), que formam um triangulo com uma ligação histórica. Por isso o escritor tem uma identidade multicultural. Ele focaliza na sua obra, *Nação Crioula* (1997, a triangulação das ideias e os comportamentos dos personagens entre as identidades Africanas, Europeia e Sul-Americana. Diz ainda que a relação

ligada com colonialismo é complexa e que houve uma mistura de grupos étnicos donde surgiu a sociedade crioula (Beebee 190-1). Outro aspecto importante que o escritor usa no seu livro, *Nação Crioula*, é a intertextualidade, por exemplo, o escritor transcreve a história dum personagem do livro, *Correspondência de Fradique Mendes*, de Eça de Queiros. Agualusa explicou numa entrevista, que na descrição sobre a viagem à África do Sul feita por Fradique Mendes, faltam os detalhes que ele veio depois descrever no seu próprio livro, *Nação Crioula*.

O estilo do autor é conhecido como “writing back”, ou seja, a descrição da sociedade Africana segundo Agualusa pode ser vista como uma ideologia contra o colonialismo (Beebee 193-4).

O hibridismo proveniente do cruzamento de raças e culturas variadas, aparece muito nos seus livros, por exemplo, *O Estranho em Goa* (2000), *O Vendedor de passados* (2004) e *O ano em que Zumbi tomou o Rio* (2002).

No livro, *O Estranho em Goa*, o autor fala sobre um jornalista Angolano que vive em Goa, ex-território português, cuja identidade não é fácil de se distinguir. Ele viveu aí numa cultura mista o que fez com que hoje ele não tenha uma identidade própria (Melo, *A ambiguidade do discurso colonial* 112).

No livro, *O Vendedor de Passados* (2004) Agualusa diz que a história de Angola tem uma ligação com o mundo colonial e tem um processo de hibridez, ou seja, criolização do povo e da cultura. Segundo ele um angolano autêntico não existe, assim como, um brasileiro genuíno também não (Brookshaw, *Migration and memory* 17, 19).

No livro, *O ano em que Zumbi tomou o Rio* (2002), Agualusa fala sobre migrantes angolanos no Brasil que se entrecruzaram com os marginalizados sociais, representados pelos favelados cariocas e os marginalizados políticos. Os mesmos se envolveram no tráfico de drogas nas favelas cariocas, o que foi criticado por Pires Laranjeira. Pires Laranjeira não vê essa história com bons olhos. Na sua opinião Agualusa usou figuras e

acontecimentos históricos reais e ridicularizou-os (Melo, *Personagens diaspORIZADAS* 160).

José Eduardo Agualusa escreveu muitos livros, e o tema principal e mais usado nos seus livros, foi a identidade. Através de histórias ele falou sobre a identidade dele e dos personagens nas ex-colónias portuguesas, Angola e Brasil. A descrição da identidade, segundo Agualusa, está sendo estudada pelos historiadores portugueses e brasileiros usando a teoria dum estudioso pioneiro, Paul Gilroy, sobre “The Black Atlantic” (Brookshaw, *Race relations in Brazil* 163).

## **5 “Memory Studies” (Estudos sobre Memória)**

Segundo Astrid Erll, professora de Cultura e Literatura Anglófona, “Memory Studies” é uma ciência que explica, como o passado foi criado e recriado num contexto sociocultural (Erll, *Regional Integration* 306). Este estudo é interdisciplinar onde varias ciências se juntam, como história, sociologia, arte, literatura e estudos de média, filosofia, teologia, psicologia e neurociência (Erll, *Cultural Memory Studies* 1).

“Memory Studies” surgiu no início do século XX, com as pesquisas feitas pelo sociólogo francês Maurice Halbwachs, o historiador Aby Warburg, o filósofo Walter Benjamin e o psicólogo Frederic Barlett.

Segundo Astrid Erll, Halbwachs dizia que o estudo sobre memória cultural é baseado num conjunto de estruturas sociais assim como a memória pessoal que é também um fenómeno colectivo, porque produzimos e relembramo-nos juntos à memória. Essas estruturas podem ser, um grupo religioso ou étnico ou uma classe social. Não existe um modelo teórico da memória cultural, sem uma referência a este sociólogo, Halbwachs, e à sua pesquisa sobre “mémoire collective” (Erll, *Regional Integration* 306-7).

Nos anos 80 e 90, começou uma segunda fase de investigação sobre memória, com algumas pesquisadores importantes, como Pierre Nora e

Aleida e Jan Assmann. A ideia de Pierre Nora foi alterada, ou seja, a memória colectiva passou a ser concebida em termos de lugares de memória. Ele seguiu portanto o exemplo de Halbwachs que estabeleceu a relação entre a memória e o espaço, os chamados lugares “mnemônicos”. Lugares como museus e monumentos são portadores da memória cultural nacional (Erll, *Regionale Integration* 309).

O que está faltando dentro deste conceito é o tema colonialismo e a grande comunidade de migrantes (Erll, *Travelling Memory* 11).

Uma terceira fase da investigação está sendo feita hoje, envolvendo modelos mais complexos de memória transcultural (Erll, *Regionale Integration* 310). Memória transcultural pode ser entendida como um conceito em que, a memória não está ligada a um lugar, região, grupo social, comunidade religiosa ou nação. Viaja para além das fronteiras, através de objectos mnemônicos, como por exemplo, pinturas e estátuas e através de migração. Todos os meios de informação e tecnologia como o cinema e a internet, são também meios que levam e trazem memórias dum lugar para outro (Erll, *Travelling Memory* 12).

Os estudos da memória cultural foram globalizados pelo conceito de memória transcultural.

Astrid Erll, disse: “*Transcultural memory is studied mostly through the lens of what Levy and Sznaider (2006/2001) have called “memory of the global age,” that is, through worldwide circulating memories, such as the Holocaust and ‘9/11’. In Multidirectional Memory, Michael Rothberg (2009) shows how Holocaust discourses have indeed enabled discourse on colonialism*” (Erll, *Regional Integration* 312).

Michael Rothberg, professor de “English, Criticism and Interpretive Theory, Jewish Culture and Society, Comparative and World Literature en Germanic Languages and Literatures”, descreve no seu livro, *Multidirectional Memory*, como o discurso sobre o Holocausto permite pensar



sobre o colonialismo e vice-versa, o que ele apelida de “multidirectional memory”. Isto quer dizer que existe um contraste entre esta ideia de Rothberg e a hipótese da memória pode ser competitiva, ou seja, que a memória do Holocausto pudesse bloquear a memória do Colonialismo (11).

No seu livro Rothberg também articula a sua teoria com as ideias de Hannah Arendt, filósofa e pensadora política, e Aimé Césaire. Uma das ideias que eles têm em comum é que, no tempo colonial houve um choque entre europeus e africanos, que depois regressou para Europa dando origem ao Holocausto. No entanto a causa deste choque foi interpretada diferentemente por Arendt e por Césaire.

Rothberg explica que o livro de Arendt, *The Origins of Totalitarianism* de 1951, era progressivo mas a lógica dela contém ainda preconceitos racistas do colonialismo. Segundo Arendt, os africanos foram encontrados sem civilização e cultura durante o período de imperialização dos europeus, teoria que causou a desumanização dos judeus no campo de concentração, vítimas de Nazistas. Segundo Rothberg, Arendt não pode ver que o imperialismo desumanizou os africanos, como os Nazistas desumanizou os Judeus (49-50).

Césaire argumenta no ensaio ‘*Un choc en retour*’, que a causa do Holocausto foi a violência colonial dos europeus que voltou depois para Europa:

*“(..) the ‘choc en retour’ is part of Césaire’s diagnosis of Europe: the shock amounts to a sign of European traumatization. Because Europe has disavowed the violence it has perpetrated in the colonies, it remains unready to confront the return of genocidal violence to Europe-- it remains without the sufficient ‘Angstbereitschaft’ (preparedness for anxiety), as Freud called it, which might ward off or cushion the traumatic blow” (80-81).*

Isto quer dizer que a violência usada no Holocausto foi a mesma violência colonial que foi negada pelos europeus para evitar o confronto com o trauma do Holocausto.

## 6 Trauma e Literatura

Trauma tem um papel importante dentro do modelo de “multidirectional memory” de Rothenberg. O desenvolvimento de “Memory Studies” sobre trauma transnacional começou no anos 80, com estudos sobre o Holocausto. Segundo o professor de literatura inglesa e teoria literária, Tom Tormans, trauma é um evento que está no limite da nossa compreensão. Por isso há varias disciplinas sobre “Trauma Theory” na área de psicologia, psiquiatria, sociologia e até mesmo de literatura. Essa teoria começou com o estudo sobre o trauma da guerra do Vietnam. Em 1980 surgiu a definição da doença psíquica PTSD (Post- Traumatic Stress Disorder) (333-4).

Segundo Gerald M. Rosen e Scott O. Lilienfeld, a causa de PTSD surgiu dum acontecimento traumático envolvendo forte stresse. Em 1994 a American Psychiatric Assosiation mudou essa definição dizendo que PTSD é derivado dum acontecimento traumático com as seguintes causas: a pessoa viveu, testemunhou ou foi confrontada com um ou mais eventos, que envolveram ameaça, lesão grave ou morte. A pessoa sente-se aterrorizada e desamparada, portanto traumatizada, o que pode derivar dum evento vivido mesmo, ou apenas duma grave notícia dum membro de família ou dum amigo próximo (842).

PTSD implica pelo menos um dos seguintes sintomas:

- revivência do trauma
- lembranças, sonhos repetitivos
- pouco interesse em actividades
- falta de contacto social
- ausência de emoções (844).

Segundo Madhur Kulkarni, raiva e dissociação são factores de risco que provocam PTSD, provado por um estudo feito com um grupo de veteranos

onde se concluiu que esses factores são mais visíveis do que nas pessoas sem um passado de guerra.

Essa dissociação é um risco principal de que pode resultar PTSD, definida como, dificuldade de se integrar pensamentos, sentimentos e experiências com a consciência e memória (271).

Segundo Astid Erll, a literatura pode ser uma lembrança de acontecimentos reais que sempre estão presentes na nossa memória (Erll, *Literature and the production of cultural memory* 112).

*“As such it not only helps produce collective memory, in the ways we have been describing but also cultural knowledge about how memory works for individuals and groups. Seen in this light, literature might be called a ‘mimesis of memory’ (Erll, Literature and the production of cultural memory 113).*

A literatura representa a realidade, que pode ser analisada com ajuda da análise psicanalítica.

James Berger, professor de “English and American Studies”, explica a teoria da trauma, usando as teorias de Sigmund Freud e do professor de Humanistic Studies, Dominick LaCapra: Um evento é traumático porque não pode ser compreendido quando isso está a acontecer. Isso quer dizer, se a tensão psíquica for tão violenta, os processos mentais podem ser interrompidos. O evento pode ser esquecido ou oprimido, mas os sintomas voltam numa forma repetitiva, para tentar perceber o que aconteceu (570).

James Berger refere-se à teoria de Dominick LaCapra :

*“LaCapra’s theory of trauma focuses on three psychoanalytic topics: the return of the repressed; acting out versus working through; and the dynamics of transference” (574-5).*

Um acontecimento traumático, segundo a teoria de LaCapra, primeiro é suprimido e depois volta numa repetição compulsiva num discurso, sem mencionar o aspecto físico. Não há uma alternativa para processar o trauma

a não ser o que LaCapra chama “acting-out”, repetição de discurso na esperança dum encerramento.

Berger disse: *“It’s a very thin line, for LaCapra acknowledges a certain value in acting out. If there is no acting out at all, no repetition of the traumatic disruption, the resulting account of the historical trauma will be that teleological, redemptive fetishizing that denies the trauma’s reality: it happened, but it had no lasting effects; look, we’re all better now, even better than before!”* (575).

Se uma narrativa marginaliza o trauma é como negar a realidade traumática, e dizer que nada aconteceu.

A dinâmica de transferência de trauma é uma forma de “acting-out” para avaliar e mudar opiniões e reconhecer a própria trauma. Segundo Tom Toremans, a mudança de opiniões sobre trauma, acontece devido a vários estudos feitos por peritos, cada qual com a sua própria teoria sem fim, o que torna difícil encontrar uma definição completa sobre o fenómeno de trauma. Ao mesmo tempo, a teoria sobre trauma só pode ser explicada literalmente, porque não há outra maneira e o nosso vocabulário é insuficiente (351).

Toreman disse: *“Therefore, while trauma may belong to the register of the real, it functions in the symbolic. The symbolic, that is, is the place where traumatic repetition plays itself out. Because of its structure in repetition, the loss that conditions the experience of trauma is impossible, not prohibited. Since nothing actually is lost in the experience of trauma – the lost origin never actually had its place- trauma is necessarily shrouded by an impossible meaning that will not ever function to expand our understanding or develop our interpretive capabilities. It will never be ideal”* (348).

Trauma é um passado impossível de compreender, porque é uma percepção sem ter o poder de destingir compreensão e imaginação, pois nunca pode aproximar-se da realidade.

## **7 Colonialismo, Independência e a Guerra Civil em Angola**

### **7.1 Colonialismo**

O primeiro contacto dos portugueses com o reino do Congo, de que Angola fazia parte, foi em 1483, quando o explorador Diogo Cão chegou na embocadura do rio Zaire. Os portugueses levaram o Catolicismo que prometia aos africanos a salvação e prosperidade, mas foi uma maneira de enganar o povo para iniciar a desculturação, segundo Phyllis Peres (2). Phyllis Peres disse: *“Instead of salvation, the Catholic Church provided an ideological patina to justify the exploitation and colonization of the region. And the promises of a superior culture masked the harsh realities of deculturation that would continue until national independence in 1975”* (2).

A destruição da cultura africana e assimilação da cultura portuguesa, foi um dos objectivos da ideologia colonial portuguesa. Só os nativos que sabiam falar português, deixaram os costumes de origem e podiam trabalhar livremente. Essa mudança não teve sucesso no início, mas mais tarde os efeitos tiveram uma influência grande no nacionalismo angolano (Peres 4-5). No início o relacionamento entre os portugueses e os angolanos, foi muito diplomático e também favorável para o Congo. Os Portugueses logo depois começaram não só com o comércio de escravos mas também de minerais, marfim e especiarias. O aumento de comércio de escravo para São Tomé e depois Brasil, não foi bem aceite pelo Congo.

O rei do Congo, Alfonso, que tomou o poder com ajuda de Portugal e tinha convertido a sua religião africana para o catolicismo, protestou inutilmente contra despovoamento do seu país (Tvedten 18).

Gradualmente, o reino do Congo foi enfraquecendo e o reino Ndongo, tornou-se independente em 1556, mas caiu completamente nas mãos de portugueses, para assegurar o comércio de escravos.

O nome Angola veio do título Ngola, que era o reino Ndongo na época. Mais tarde esse nome deu origem a Angola, colônia portuguesa que foi fundada em 1576 com a capital Luanda (Tvedten 19).

O rei Alfonso estabeleceu uma relação diplomática com Holanda para parar a ambição de Portugal. Os Holandeses ocuparam Luanda desde 1641 até 1648. O governador de Rio de Janeiro, Salvador Correia de Sá, tomou iniciativa chegando com tropas brasileiras, para reconquistar Luanda. A vantagem foi que essas tropas brasileiras eram mestiços e por isso tinham resistência contra as doenças tropicais africanas (Bethencourt 68).

A escravidão foi abolida em 1836 e o comércio foi parado em 1880. Foi aprovada uma lei, semelhante à da escravidão, que obrigava os africanos a trabalhar mesmo sem um contrato de trabalho. Esta política foi continuada com a criação do Estado Novo de António de Oliveira Salazar em 1924, que foi primeiro ministro de Portugal entre 1932 e 1968. A consequência foi, que durante essa política que durou 60 anos, 500.000 africanos fugiram para países vizinhos resultando uma mortalidade elevada de 35% entre os anos 1940 e 1950 (Tvedten 25).

## **7.2 Movimento de Independência**

Censura, controle de fronteiras, polícia e controle da educação, impediram a revolta nacional. Na década de 50 surgiram partidos políticos ilegais, que organizaram os movimentos revolucionários. O primeiro foi PULA (Partido da Luta Unida dos Africanos de Angola) fundado em 1953, que se juntou em 1956 com MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), com uma ideologia marxista e António Agostinho Neto, como líder. Em 1962 foi fundada a liberal FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola), com Holden Roberto como líder. Quatro anos depois formou-se UNITA em 1966, liderada por Jonas Savimbi (Tvedten 29-30).

Cada movimento tinha os seus aliados. FNLA tinha apoio de Zaïre, MPLA de Cuba e União Soviética, e UNITA tinha apoio de África do sul e EUA. Portugal tinha também ajuda dos EUA por causa da riqueza de Angola. Em 1961 a guerra começou com a revolta dos camponeses. (Tvedten 29-31).

Nos anos cinquenta os líderes nacionalistas africanos, Agostinho Neto, Amílcar Cabral e Samora Machel, lutaram contra a dominação colonial, através da resistência cultural, e criaram condições propícias à eclosão do movimento nacional libertador de Angola, Guiné-Bissau e Cabo Verde e Moçambique. A marcha irresistível para uma completa liberdade e independência encontrou a forma necessária e poderosa que se tornou possível (Peres 7).

A primeira fase da luta para a libertação, foi a reafirmação do grupo elite, um processo de transculturação, ou seja, creolização, junção da cultura oprimida e a cultura portuguesa (Peres 9).

Nos anos 70 os custos de três guerras coloniais, que surgiram ao mesmo tempo, em Angola, Moçambique e na Guiné-Bissau, eram demasiado altos para Portugal.

Em 25 de Abril 1974 aconteceu a Revolução dos Cravos que afastou Marcelo Caetano do poder e depois os novos líderes portugueses deram independência a Angola. Dos 340.000 portugueses que viviam na altura em Angola saíram 300.000 para Portugal. Em Janeiro de 1975, MPLA, FNLA e UNITA formaram um governo transitório (Tvedten 32-33).

### **7.3 A Guerra Civil**

O país ainda era instável, sem ter ainda um regime político democrático e eficiente para governar. Isto e mais a guerra civil, causou muita instabilidade no país. Os três grande partidos, MPLA, FNLA e UNITA, não conseguiram chegar a um acordo. A razão principal era as ambições dos líderes e não só a diferença na ideologia. Antes da independência, ou seja, antes de 11 de Novembro de 1975, começou já em Julho, a haver conflitos entre os partidos.

Uma semana depois, caiu o governo de coligação e a guerra civil começou (Tvedten 35-6).

FNLA e UNITA formaram uma aliança contra MPLA, e os três partidos procuraram apoio dos seus antigos aliados, resultando assim uma extensão da guerra fria. O comunismo, MPLA, com apoio de Cuba e União Soviética contra o capitalismo, FNLA e UNITA, com apoio de América e África do Sul (Tvedten 36).

Após uma tentativa de paz que falhou em 1992, um novo acordo de paz foi assinado em Novembro de 1994, um acordo lento de cessar fogo e com muita violência. Ninguém sabe, ao certo, quantas minas foram enterradas no chão de Angola. Entre dez e vinte milhões. Provavelmente haverá mais minas do que Angolanos, pois até hoje existe ainda o processo de desminagem. Também um grande número de ex-soldados lutaram uns contra os outros, devastando campos e favelas (Tvedten 43).

A guerra durou 30 anos e com a morte de Jonas Savimbi em 2002, abriu o caminho para o MPLA que tornou uma força dominante de Angola independente (Schubert 657).

#### **7.4 Angola depois da Guerra Civil**

Segundo um artigo de Jon Schubert, professor de "African Studies", com as eleições de Setembro de 2008, MPLA ganhou 81.6% dos votos e esta vitória não foi surpresa. Foi uma eleição transparente, mas ocorreu numa maneira corrupta, segundo as missões de observação, EU e SADC (657-8).

A campanha eleitoral e a educação eleitoral, teve influência de MPLA através de NGO (organização não governamental) para mais esclarecimento e confiança no processo eleitoral.

O governo dizia que o angolano era um povo livre mas na realidade não era uma liberdade total porque não havia liberdade de expressão. As actividades e as ideias de oposição eram rigorosamente controladas e usava-se muitas vezes violência. Membros da oposição eram frequentemente perseguidos ou



presos e a população era intimidada ou controlada pela polícia, sem liberdade de protestar (665).

A democracia de Angola é uma fachada, formada por uma classe dominante que tenta sobreviver no poder, usando um regime eleitoral autoritário (671).

## **8 A Memória Traumática de Angola segundo o livro, *O Vendedor de Passados***

Agualusa descreve, no seu livro *O Vendedor de Passados*, a existência da memória, faz parte da nossa vida mesmo quando queremos mudá-la. Os personagens queriam alterar os seus passados, para melhorar a própria pessoa e para ter uma nova identidade.

O livro afirma, que o passado traumático sempre volta ao presente. A canção 'Acalanto para Um Rio' de Dora, que Félix Ventura escutava muito, tem um elemento característico. A letra da canção compara a memória com um rio que nunca desaparece, mas sim dorme.

A memória do passado dorme porque está no subconsciente e parece morta. Se acordasse, saltaria num alarido, isso quer dizer que as emoções ligadas à memória, o medo por exemplo, sempre voltam.

Infelizmente não podemos mudar ou apagar um passado que foi negativo ou traumático. O albino, Félix Ventura, tinha uma solução para esse problema, vendendo passados decentes. Félix explica isso ao novo cliente, o estrangeiro, Pedro Gouveia.

*“Félix Ventura rendeu-se. Procurava-o, explicou, toda uma classe, a nova burguesia. Eram empresários, ministros, fazendeiros, camanguistas, generais, gente, enfim, com o futuro assegurado. Falta a essas pessoas um bom passado, ancestrais ilustres, pergaminhos. Resumindo: um nome que ressoe a nobreza e a cultura. Ele vende-lhes um passado novo em folha. Traça-lhes a árvore genealógica. Dá-lhes as fotografias dos avôs e bisavôs, cavalheiro de fina estampa, senhoras de tempo antigo” (29).*

As pessoas com poder em Angola fazem parte dum governo corrupto, pois os empresários e ministros gostariam de ter mais prestígio na sociedade, tendo avôs e bisavôs que foram cavaleiros de fina estampa ou senhoras do tempo antigo.

Por exemplo, o Ministro que Félix descreveu como um descendente do governador de Rio de Janeiro, Salvador Correia de Sá e Benevides, que na história de colonialismo, reconquistou Luanda dos Holandeses em 1648. O escritor Agualusa faz uma sátira com essa ideia de criar um novo passado inventado por Félix Ventura, e as pessoas que acabam por acreditar nessas histórias.

O Ministro disse: *“Então sou descendente de Salvador Correia, caramba!, e só agora sei disso. Muito bem. A minha senhora vai ficar feliz” (144).*

A realidade e ficção misturam-se quando a história imaginada torna-se num facto. Isso foi também o caso do cliente novo de Félix, o estrangeiro, que na realidade chama-se Pedro Gouveia.

Pedro Gouveia queria que Félix lhe fizesse um novo passado, nome e os documentos nacionais, autênticos, que dessem testemunhos dessa identidade, porque ele queria fixar-se no país com um passado decente. Ele era um repórter fotográfico e recolhia imagens de guerra, da fome e de desastres naturais. Esse passado era traumático porque foi testemunha das grandes desgraças no mundo, que o sentir como um velho de cem anos.

Pedro Gouveia disse: *“Àz vezes sinto o mesmo. Dói-me na alma um excesso de passado e de vazio. Sinto-me como esse velho”* (54).

Só com um passado novo, ele podia gozar a vida, mas Félix só fabricava sonhos e não queria ser um falsário. O estrangeiro Pedro Gouveia pagou-lhe tanto dinheiro, cinco mil dólares em notas grandes, que ele finalmente fez tudo que Pedro queria.

O nome novo de Pedro Gouveia era José Buchmann, natural da Chibia que foi fundado em 1884 por colonos madeirenses. O comandante do clã foi Cornélio Buchmann, que casou com Marta Medeiros. Eles tiveram dois filhos, um deles foi Mateus, o pai de José Buchmann, que casou com uma artista americana, Eva Miller. Eles tiveram um único filho, José Buchmann. Félix tinha todos as fotos e documentos numa pasta que confirmavam essa história de José Buchmann.

José não estava completamente satisfeito, porque ele queria saber se os seus pais fictícios, ainda estavam vivos. Ele foi a Chibia, contra a vontade de Félix.

Tanto José, como o Ministro acima mencionado, acreditavam na história que Félix lhes contava. José fez depois uma grande pesquisa e trouxe a Félix, fotografias como provas. Ele queria acreditar muito na sua vida nova, que era necessário que o inventor, Félix, também acreditasse nesse sonho, e assim todo mundo acreditava também.

Na verdade, essa nova identidade de José, foi usada como um disfarce, para matar o ex-agente de segurança do Estado, Edmundo Barata dos Reis. Este era responsável pela morte da mulher de Pedro Gouveia, Marta Martinho, e pensava que a filha, Ângela Lúcia, foi também morta quando nasceu. Depois de muitos anos, José descobriu que a filha ainda era viva. Foi revelado depois, que a filha, que também era namorada de Félix, foi criada pela sua tia Marina. Quando Pedro descobriu a verdade, queria matar Edmundo primeiro, antes de conhecer a filha, Ângela Lúcia.

Pedro disse: *“Queria conhecer a minha filha, queria estar com ela, mas faltava-me a coragem para lhe contar a verdade. Fiquei obcecado. Veio-me um ódio, um rancor selvagem contra aquela gente, contra o Edmundo. Queria matá-lo. Achei que se o matasse poderia olhar de frente a minha filha. Mantendo-o talvez eu renascesse. (...) Com outra identidade seria mais fácil circular pela cidade sem atrair suspeitas”* (222).

A história de Pedro e Edmundo começou na época da guerra civil em Angola, no ano de 1977, depois da independência. Pedro viveu sua vida inteira em Angola, mas nasceu em Portugal e foi sempre visto em Angola como um português. Depois da independência, quase todos os portugueses abandonaram Angola. Quando Pedro Gouveia queria também ir para Portugal com a sua mulher grávida, pediu ajuda ao cônsul de Portugal, para sair de Angola. Infelizmente, o cônsul não podia ajudá-lo, e foram entregues nas mãos de Edmundo, o agente de segurança de Estado, que os tratou como se fossem suspeitos.

Edmundo interrogou a Marta, que depois de dois dias deu à luz, lá mesmo, uma menina, Ângela Lúcia. O Mabeco, um colega de Edmundo, acendeu um cigarro e começou queimar a bebé nas costas e no peito. Marta morreu depois do nascimento da filha, porque não recebeu tratamentos médicos. Edmundo estava rindo quando contava esta história ao Pedro, Félix e Ângela, mas ele também estava angustiado pelo passado.

Ele disse: *“Sangue, pópilas!, sangue pra caralho, a rapariga, a tal da Marta, com dois olhos que pareciam luas, custa-me sonhá-la, e a bebé aos gritos, o cheiro a carne queimada. Ainda hoje, quando me deito e adormeço, sinto aquele cheiro, ouço o choro da criança...”* (205).

Os sonhos repetitivos do Edmundo, acima citados explicam, segundo James Berger, o que LaCapra chama ‘acting-out’, uma repetição compulsiva dos acontecimentos traumáticos com símbolos de fantasia. O processo mental de Edmundo era também interrompido pela violência que ele mesmo provocou.

O evento pode ser esquecido ou oprimido, mas os sintomas voltam numa forma repetitiva, para tentar perceber o que aconteceu.

Os cientistas, Rosen e Lilienfeld, dizem que reviver uma trauma através de sonhos fazem também parte dos sintomas de PTSD (Post-Traumatic Stress Disorder). Edmundo, como um veterano com traumas e tinha raiva de Pedro Gouveia por ser português, são razões suficientes para causar um PTSD por uma longa duração, segundo Kulkarni, Porter e Rauch (pesquisadores na área de PTSD), pois Edmundo não funcionava normal na sociedade.

Edmundo, hoje é um louco vadio profissional, mora numa sarjeta, um buraco imundo onde havia um colchão, roupas sujas, revistas, literatura marxista e os arquivos com relatórios de segurança de Estado sobre dezenas de pessoas, incluindo o de Pedro. Edmundo tornou -se louco, isso se via pela maneira como vivia, com os documentos de passado e como falava sobre a conspiração no governo. Aqui Agualusa mostra, que tanto as vítimas como as pessoas que cometem violência, ficam com uma trauma, porque numa guerra não há vencedores.

Pedro voltou para Portugal depois da perda da família, mas quando ele descobriu a verdade sobre Ângela, o rio do passado saltou num alarido, como diz a canção de Dora.

A lembrança do terrível acontecimento no tempo da guerra civil, foi activado, um motivo para matar Edmundo. Pedro podia matá-lo há muito tempo atrás, mas não o fez, porque quando em 1980, Edmundo o libertou, este estava destruído fisicamente, moralmente e psicologicamente. Neste estado ele não podia imaginar o que tinha passado. Ele disse: *“Comecei a trabalhar como repórter fotográfico e durante anos, décadas, percorri o mundo de guerra em guerra, tentando esquecer-me de mim. Ganhei muito dinheiro, muito dinheiro mesmo, mas não sabia o que fazer com ele. Nada me atraía. A minha vida era uma fuga”* (221).

Nessa citação, Pedro fala como ele vivia e a incapacidade dele perceber o passado. Ele queria esquecer completamente o passado e procurava mais desastre e violência no trabalho dele, e assim reviver a violência que ele passou. A trauma fazia parte da vida dele. Ele não tinha interesse na vida e como fotógrafo, podia se afastar do mundo e viver como um adormecido. Todos esses comportamentos caracterizam o PTSD, segundo Rosen e Lilienfeld.

Com a nova identidade e nome, José Buchmann, mudou-se completamente a sua maneira de ser, tornou-se mais alegre e vestia roupas mais coloridas. A solução de Félix, para inventar um novo passado funcionou, mas foi só uma aparência.

Pedro ainda não podia contar a Ângela a verdade sem matar primeiro Edmundo, com medo das suas palavras não serem acreditadas. Pedro disse: “A verdade é improvável” (156). O que faz um trauma é difícil de explicar porque não tem um retorno positivo.

No fim do livro *O Vendedor de Passados*, a identidade de Ângela Lúcia é revelada, na casa de Félix, quando Pedro queria matar Edmundo com uma pistola. Ela acreditava que tinha um passado limpo, ou seja, nada mal aconteceu. Ela disse: “Vivera uma infância simples e feliz” (149). Ângela negava o seu passado completamente mas quando ouviu Edmundo a contar a história sorrindo sobre a morte da mãe, foi um choque e apanhou a pistola de Pedro e atirou-o.

Ouvir o sofrimento dum membro de família pode também causar uma trauma, acompanhado com emoções de horror e desamparo, segundo Rosen e Lilienfeld.

A acção da Angêla tinha a ver também com “acting out” do trauma, mas numa maneira destrutiva. Ela repetiu o que aconteceu com a mãe e vingou-se matando Edmundo, o que Pedro também queria. Edmundo também era um perigo porque podia matar o pai dela.

A teoria sobre a trauma fala sobre a transferência, ou seja, uma repetição compulsiva num discurso, mas sem mostrar o aspecto físico da repetição.

Se a repetição do discurso sobre a trauma fosse necessária e com um determinado valor, segundo LaCapra, a transferência física teria a mesma explicação para não negar o efeito da trauma.

Segundo o livro, matar Edmundo era um efeito do trauma, porque Pedro encontrou finalmente a paz e alegria. Ele espera que, a filha Ângela, também sintasse agora feliz, mas no livro não está esta certeza.

A morte de Edmundo era para os personagens, Félix, Pedro e Ângela um novo começo, um renascimento sem emoções da trauma, e o término da guerra e da violência do passado.

Segundo a teoria, trauma nunca desaparece mas dorme até encontrar um momento para se manifestar. Como diz a canção de Dora, no início do livro, o passado parece morto, mas não morre.

Edmundo morreu mas não quer dizer que o passado morresse junto com ele.

## 9 Violência, segundo o livro *Barroco Tropical*

Depois da guerra civil, a sociedade angolana ainda estava cheio de violência. A colonização portuguesa teve muita influência na identidade do povo angolano, em que a própria cultura africana não tinha um lugar próprio. No livro *Barroco Tropical*, Agualusa fala da sociedade angolana de hoje, com todos esses problemas que ainda existem. Os personagens estão confusos e em perigo num país sem unidade. O passado violento acontece ainda no presente, segundo a teoria de “Memory Studies”. No livro *Barroco Tropical*, os eventos mencionados afirmam que o trauma do passado colectivo, o colonialismo e a guerra civil, nem sempre têm uma relação directa com a violência que acontece no presente.

Histórias dos personagens do livro e a origem da violência.

Numa noite de tempestade tropical, com muita chuva e relâmpago que fez tremer de medo os protagonistas, Kianda (cantora famosa e amante de Bartolomeu) e Bartolomeu (escritor e cineasta) ambos testemunhas da cena duma mulher que caiu do céu. Uma mulher nua, negra, de braços abertos caiu e afundou-se entre o capim alto perto do carro onde se encontrava o Bartolomeu. A mulher chamava-se Núbia de Matos, foi atirada dum helicóptero. Aqui o Bartolomeu era uma testemunha silenciosa duma morte política.

Cinco dias antes, Bartolomeu tinha viajado juntamente com Núbia, de Lisboa para Luanda e esta declarou o seu amor por Bartolomeu. Ela era miss de Angola, modelo e apresentadora na televisão, conhecia muitas pessoas importantes do governo e foi obrigada a usar drogas e fazer prostituição, e tudo isso ela contou a Bartolomeu. Bartolomeu disse: “*Na minha opinião, Núbia tornou-se perigosa para o regime. Ela contou-me, e suponho que contava a toda gente, que foi amante da senhora Presidente*” (275).

Núbia é uma personagem que tinha uma posição marginal na sociedade angolana e sem uma voz. Ela veio duma família pobre, foi abusada desde



criança pelos irmãos, não sabia falar português e não tinha oportunidade de escapar o sofrimento da vida. Ela tinha uma vida má e traumática, que a fez louca. A infância traumática também fê-la confiar em pessoas erradas e assim entrou num círculo vicioso. Essas pessoas importantes na sociedade, abusaram de Núbia e podiam eliminá-la quando não tinha mais benefício. Isto foi uma forma de escravidão, ou seja escravidão moderna, diferente da escravidão que existia no tempo do colonialismo A exploração de mulheres é um problema que ainda hoje existe.

Bartolomeu pensou que Núbia foi morta porque lhe contava segredos das pessoas do governo e na televisão, mas a verdade era um aviso dirigido a Bartolomeu, que perguntava e escrevia sobre assuntos sensíveis da sociedade angolana.

O trabalho dele, como escritor e cineasta, é baseado nas críticas ao governo e por isso ele tornou-se um perigo para o governo e segurança nacional angolana.

Bartolomeu fez um documentário sobre as crianças pobres e desalojadas que viviam nas ruas, acusadas como feiticeiros e depois mortas pelo regime. A Menina Cão era uma dessas crianças acusada como feiticeira e chamavam-na de Menina Cão porque vivia juntamente com um grupo de cães que ela imitava. Ela fazia medo às pessoas que a viram como um fenómeno desnatural.

Bartolomeu faz ainda hoje documentários sobre acontecimentos públicos, que refletem a pobreza e a violência. Esses documentários são espalhados até hoje por todo mundo.

Segundo Jon Schubert, Angola tinha um regime eleitoral autoritário que controlava as opiniões das pessoas. Por exemplo, membros da oposição foram frequentemente perseguidos durante as eleições de 2008, pois a vida de Bartolomeu estava em perigo por causa dos seus documentários e opiniões.

A razão desse regime rígido e violento não era por causa da guerra civil, mas sim dum governo que tinha medo de perder o poder.

O governo não gostava de pensadores, como Bartolomeu, e das pessoas que espalhavam pelo mundo uma imagem negativa de Angola.

O sogro, general Benigno Dos Anjos Negreiros, disse a Bartolomeu:  
*“Vocês os democratas sujaram a imagem do país no estrangeiro. Fazem da oposição ao regime uma forma da vida. Criticam a senhora Presidente,(..) e não conseguem identificar o verdadeiro inimigo do povo angolano”* (274).

O general Benigno falava que o verdadeiro inimigo do povo angolano, era o embaixador no Vaticano, Pascal Adibe e não o governo angolano. Adibe nasceu na Suíça e era um criminoso de fina estampa. Traficava ópio, cocaína e prostitutas do leste europeu. Ele era conselheiro e amigo íntimo da Presidente, proprietário duma empresa de telefones móveis e algumas estações de televisão e radio. Mas quando a organização, Interpol, começou a persegui-lo, o governo angolano ajudou-o, porque vendia armas ao governo angolano, durante a época mais crítica da guerra civil.

Benigno disse: *“Não hesita em recorrer à chantagem ou à corrupção para alcançar os seus objectivos, e sim, está em vias de controlar por completo o nosso querido país”* (275).

Adibe era também embaixador, dava apoio ao governo angolano, mas aproveitava esse relacionamento para fazer e controlar tudo que queria. Por isso era visto por muitos, como um inimigo de Angola.

Benigno e Bartolomeu falavam sobre o governo corrupto e as más influências, sendo Adibe um exemplo de corrupção e crimes, que dominavam o país, e não se podia dizer que era só do sistema de colonialismo. Adibe não representava uma nação imperialista, que controla o país com um exército e nem tinha uma ideologia colonial. O governo angolano servia desses tipos de contacto corrupto para assegurar o controle na sociedade.

Os acontecimentos descritos no livro *Barroco Tropical*, não têm diretamente ligação com o colonialismo e a guerra civil, mas sim com o discurso através das conversas políticas, citado no fim do livro. O assunto político era discutido entre amigos, mas o tema central era sempre o colonialismo.

Benigno pensou que as coisas más que aconteceram no passado podem ter bons resultados no presente, como por exemplo o colonialismo e a escravidão.

Benigno disse: *“Escravizar alguém é um crime abominável. O tráfico negreiro enriqueceu algumas famílias africanas, não falando dos europeus, claro, mas arruinou o continente. O que estou a dizer é que por vezes as más acções produzem resultados bons. Em todo o caso parece-me mais fácil defender a escravatura do que a feitiçaria ou o tribalismo. Não consigo ver que resultados positivos nos podem trazer a feitiçaria ou o tribalismo”* (278-9).

Este assunto começou por causa das práticas de feitiçaria na sociedade. Existem grupos de pessoas, tipo dos quinzares, que usam técnicas xamânicas, ou seja, rituais africanas. A crítica de Benigno é visto, por Bartolomeu e seu amigo Dálmata, como um pensamento típico de colonialismo que destruiu as identidades étnicas de Angola. A destruição da cultura africana foi segundo Benigno um grande melhoramento.

Dálmata disse: “O combate contra a diversidade é próprio de um pensamento totalitário. Vocês queriam a independência, sim mas desde que Angola mantivesse o modelo colonial.(..) Um só povo uma só nação. Ou seja, segundo os seus camaradas, para construir um país é necessário destruir as identidades étnicas. Pura ideologia colonial” (279).

Durante a guerra contra os portugueses, era importante que Angola estivesse unida, sobretudo no aspecto cultural segundo a frase ‘um só povo uma só nação’. Segundo Peres, a geração dos anos 50 queria que o grupo elite se reafricanizasse para recuperar a própria cultura e identidade.

Angola tornou-se independente mas não estava unida, e a violência continuou. Os portugueses destruíram a cultura angolana e a superioridade de Portugueses estava presente nas palavras do general Benigno, segundo Dálmata e Bartolomeu. Benigno era um elite que lutou na guerra da independência mas não queria o processo de reafricanização. A classe elite do governo assimilou a ideologia colonial e criou uma superioridade sem respeito para com o povo e a cultura africana.

O livro *Barroco Tropical* confirma a existência duma sociedade violenta, instável e descontrolada, que causa acontecimentos terríveis, como a morte de Núbia, da Menina-Cão e a corrupção do governo. A instabilidade do país, mostra um contraste entre o mau governo e a memória de colonialismo ou a revolução, ao contrario do que está no livro *O Vendedor de Passados*.

O que Agualusa realça no *Barroco Tropical* é a identidade dos angolanos que ainda hoje se discute, e começou desde a guerra da independência. Diz que a assimilação da cultura portuguesa causou uma destruição ao nacionalismo angolano. Para uns foi fácil a criolização, mas para a classe elite foi difícil aceitar a identidade e cultura africana na sua totalidade. A personagem do livro que representa essa interpretação difícil é Kianda, cantora e amante de Bartolomeu.

Kianda estava em conflito com a sua própria pessoa. O nome verdadeiro dela era Salomé Monteiro Astrobello e nasceu numa pequena cidade de

pescadores. Foi para Luanda já uma moça e tornou-se uma cantora espectacular que todo mundo amava. O sucesso fê-la esquecer do passado simples. No palco ela tinha a identidade de Kianda, cantora famosa, e fora do palco era um simples Salomé, que odiava Kianda. Isso confirma que ela não tinha sua própria identidade e liberdade, que se verificava nas suas canções com influência de músicas angolanas, brasileiras e jazz. Ela disse: “*O meu primeiro álbum foi muito bem recebido, mas ainda não era eu, era eu cantando como se fosse a Billie Holliday. A partir do segundo álbum passei a ser Kianda. O problema é que a Kianda também não sou eu: é Ximinha Pedro Ganga*” (262).

Ximinha era avó dela que cantava música africana, quissange, que Kianda não cantava há muitos anos, faz parte do passado que ela queria esquecer. Afastou-se da própria cultura e representava muitos outros perdidos, que não têm conhecimento da própria cultura. A influência da cultura Portuguesa, Americana e Brasileira em Angola e nas canções de Kianda, fez com que o povo esqueceu a própria cultura.

No tempo do colonialismo a cultura africana já era vista como inferior. A dominação das outras culturas e mais o colonialismo era tão forte que o povo preferia esquecer o passado africano e assimilar as outras culturas. Esta assimilação obrigatória causou uma dificuldade em encontrar a própria identidade, segundo Peres.

Concluindo, o processo de transculturação em que existe uma harmonia nas diferentes culturas, não está presente na personagem Kianda.

Os eventos mencionados no livro *Barroco Tropical* afirmam que o trauma que existe na sociedade angolana não tem uma relação directa com o passado colonial e a guerra civil. A discussão sobre a identidade e o passado ainda continua, porque a nova geração vive presentemente numa sociedade traumatizada difícil de recuperar.

## 10 Conclusão

Pode-se concluir que o passado de Angola atravessou várias fases traumáticas que teve efeitos graves na sociedade.

Com “Memory Studies” em particular a “Trauma Theory”, vimos que os personagens do livro *O Vendedor de Passados*, por causa da guerra de independência e da guerra civil, sofreram um trauma grave e PTSD, que se manifestou em várias formas. A repetição compulsiva dos acontecimentos traumáticos que esses personagens apresentam, ou seja “acting-out”, fazem parte dum processo de reabilitação. Esses actos podem ser agressivos como por exemplo, uma vingança que pode levar a morte.

Esse tipo de trauma não acontece no livro *Barroco Tropical*, mas sim, um tipo de trauma social, ligado aos problemas do passado de Angola como por exemplo, a exploração de mulheres, nenhuma liberdade de expressão, corrupção no governo e a identidade confusa dos angolanos.

Foram grandes problemas sociais mas não suficientes para causar um trauma grave social como aconteceu no livro, *O Vendedor de Passados*. No livro *Barroco Tropical*, Agualusa indica sobretudo os problemas actuais na sociedade angolana e o constante debate sobre a identidade do povo angolano.

Ele conclui que os problemas culturais são mais difíceis de resolver do que a gente pensa.

## 11 Bibliografia

- Agualusa, José. *Barroco Tropical*. Alfragide: Dom Quixote, 2009. Print
- ---, *O Vendedor de Passados*. Lisboa: Dom Quixote, 2004. Print
- Beebee, Thomas O. “The Triangulated Transtextuality of José Eduardo Agualusa’s *Nação Crioula: A Correspondência Secreta de Fradique Mendes*.” *Luso-Brazilian Review* 47.1 (2010): 190-213. Print.
- Bethencourt, Francisco. “Creolization of the Atlantic World: The Portuguese and the Konglese.” *Portuguese Studies* 27.1 (2011): 56-69. Print.
- Berger, James. “Trauma and Literary Theory.” *Contemporary Literature* 38.3 (1997): 569-582. Print.
- Brookshaw, David. “Race relations in Brazil from the Perspective of a Brazilian African and an African Brazilian: José Eduardo Agualusa’s *O Ano em que Zumbi Tomou o Rio* and Francisco Maciel’s *O Primeiro dia do Ano da Peste*.” *Research in African Literatures* 38.1 (2007): 163-71. Print.
- ---, “Migration and Memory-From forgetting to storytelling: José Eduardo Agualusa’s *O Vendedor de Passados* and Moacyr Scliar’s *A Majestade do Xingu*.” *Postcolonial Theory and Lusophone Literatures*. Ed. Medeiros, Paulo de. Utrecht: Portuguese Studies Center, 2007. 9-20. Print.
- Erll, Astrid. “Regional integration and (trans)cultural memory.” *Asia Europe Journal* (2010): 305-315. Print.
- ---. “Travelling Memory.” *Parallax* 17.4 (2011): 4-18 Print
- --. Nünning, Ansgar. Ed. *Cultural memory studies: an international and interdisciplinary handbook*. Berlin: De Gruyter, 2008 Print.
- Erll, Astrid, Ann Rigney. “Literature and the production of cultural memory: introduction.” *European Journal of English Studies* 10.2 (2006): 111-115. Print.

- Kulkarni, Madhur, Katherine E. Porter, and Sheila A.M. Rauch. “ Anger, dissociation, and PTSD among male veterans entering into PTSD treatment.” *Jornal of Anxiety Disorders* 26 (2012): 271-278. Print.
- Melo, Francisco José Sampaio. “A ambiguidade do discurso colonial: *Um estranho em Goa*, de José Eduardo Agualusa.” *Letras de Hoje* 41.3 (2006): 111-16. Print.
- ---, “Personagens diaspóricas de José Agualusa em *O ano em que Zumbi tomou o Rio*.” *Letras de Hoje* 41.3 (2006): 159-168. Print.
- Peres, Phyllis. *Transculturation and Resistance in Lusophone African Narrative*. Florida: University Press of Florida. 1997. Print.
- Rosen, Gerald M., Scott O. Lilienfeld. “ Posttraumatic stress disorder: An empirical evaluation of core assumptions.” *Clinical Psychology Review* 28 (2008): 837-868. Print.
- Rothberg, Michael. *Multidirectional Memory*. Stanford: Stanford University Press, 2009. Print.
- Schubert, Jon. “ Democratisation’ and the Consolidation of Political Authority in Post-War Angola.” *Journal of Southern Africa Studies* 36.3 (2010): 657-672. Print.
- Toremans, Tom. “Trauma: Theory- Reading (and) Literary Theory in the Wake of Trauma.” *European Journal of English Studies* 7.3 (2003): 333-351. Print.
- Tvedten, Inge. *Angola: Struggle for Peace and Reconstruction*. Colorado: Westview Press, 1997. Print.